

O Japão vê o perdão como um retrocesso

Toyoo Gyohten, vice-ministro das Finanças para assuntos internacionais do Japão, disse no domingo que o perdão da dívida dos países latino-americanos seria em retrocesso, pois dificilmente os bancos voltariam a conceder créditos a esses países, que também precisam de dinheiro para financiar seu crescimento.

A uma platéia atenta que esperava alguma revelação mais substantiva sobre uma possível injeção de dinheiro novo, o que não ocorreu, Gyohten ponderou que certamente os credores estão dispostos a cooperar com os endividados, mas que esperam a contrapartida em economias bem administradas, políticas de ajustes firmes e, também, garantias.

Alimentar o crescimento, na sua opinião, depende basicamente de dinheiro, e que também não existe muitas maneiras de ele ser obtido. As principais seriam a manutenção de superávits comerciais elevados, aumentando as reservas; investimentos diretos, e repatriação de capital evadido; além de dinheiro novo das instituições.

Gyohten, tornando-se cada vez mais claro, insistiu na importância do investimento direto e reforçou que também seria importante para os bancos credores

poderem estabelecer representações locais, nos países devedores, para participar de operações em moeda local. "Esta seria uma forma de trazer investimento, tornar a economia mais aberta, alimentar a poupança doméstica e estimular a produção. Maior envolvimento entre credores e devedores nos países endividados certamente diminuiria e preveniria contra indisposições psicológicas que acabam existindo entre credores e devedores."

Revelando particular interesse do seu país pela América Latina, Gyohten acrescentou que as importações japonesas da América Latina cresceram de US\$ 6,2 bilhões em 1986 para US\$ 8,3 bilhões em 1988. Neste mesmo período, os investimentos diretos do Japão na América Latina cresceram de US\$ 4,7 bilhões de 1986 para US\$ 5,7 bilhões até o primeiro semestre de 1988.

"Ao contrário dos países-membros do BIS, os bancos japoneses aumentaram sua posição de risco na região, aumentando sua participação em 19% recentemente. Entre 1986 e 1988, o risco latino nas instituições japonesas — relativas a operações com o Eximbank daquele país — cresceu 35%", concluiu.